

A felicidade é química

I

Abri os olhos.

À minha esquerda havia o motivo que me acordou: uma mulher negra, magra como uma vareta, estava amarrada numa cama. Gemia e dizia "Jesus, Jesus" repetidamente. Olhava pra mim com súplica.

"Devo estar morta", pensei. Mas era pior. Porque então percebi que também estava deitada. Então percebi que usava um pijama branco, ao invés do meu vestido da noite passada. Então percebi que me mexia com dificuldade. Minhas pernas pesadas, minhas mãos trêmulas, nada parecia estar no lugar. Aquilo estava errado.

Aos poucos, meus pensamentos começaram a se organizar. Vodka. Ecstasy. Uma fritação ensurdecadora, corpos mexendo ritmamente como num ritual sem sentido. Uma sensação de mãos tocando minha barriga por trás, acompanhada de calor, e um desejo que fossem 1) de um cara minimamente decente, e 2) que não tivesse ido muito além dali sem o meu controle. Mas eu não lembrava. Acho que exagerei na bebida.

Enquanto tentava decifrar com dificuldade o que estava acontecendo, adentra ao quarto uma menina aparentemente pouco mais velha do que eu. De jaleco branco, chega com uma pasta na mão.

- Oi - diz timidamente, esboçando um sorriso claramente forçado - você é a Adriana, certo?
Sou a doutora Patrícia. Sua médica.

Não respondi. Juro que tive vontade de rir. Mas parecia que meus sentimentos estavam presos dentro da minha cabeça, junto com meus movimentos. Parecia que eu precisava receber algum tipo de "desanestesia", se é que isso existia.

Ela continuou:

- Como você está?

A mulher negra do meu lado não parava de gemer. Não conseguia pensar.

A mediquinha continuava olhando pra mim, me pressionando para responder. Tinha vontade de sair correndo dali. Senti meus olhos serrados.

- Er. Não sei.

Ela continuava me medindo. Impaciente, olhava para a porta. Devia estar com pressa. Mas aquela era a minha vez, e eu mal havia parado pra pensar em aonde estava.

- Você está sentindo alguma coisa?

- Tudo. - foi o que consegui responder. Era estranhamente cansativo falar. Ou eu apenas não queria falar, mesmo. Aquela menina - menina de tudo - anotava o que eu não falava num caderninho. O que será que ela escrevia?

- Você pode ser um pouco mais específica?

- Não - não queria aparentar ser grossa, mas não conseguia pensar direito.

- Então tá bom. Volto mais tarde se você quiser conversar.

E saiu. Simples assim.

A senhora do meu lado continuava gemendo. Eu estava estranhamente cansada. Não sabia aonde estava meu vestido, meus sapatos, como tinha ido parar ali. Queria um espelho para ver minha cara. Minha mãe, nossa, minha mãe. Aonde estaria minha mãe? E o mais importante: aonde estaria meu celular? Que horas deviam ser? Eu já tinha almoçado?

Desmaiei, basicamente. Dormi. Ouvia:

"Aí eu fui jantar com ele, mas sabe, não é meu tipo. Ah, me passa uma seringa? Então, ele me mandou uma mensagem..."

No estado em que eu estava, a tagarelice dos enfermeiros funcionava como uma canção para dormir.

"Doze por oito. Tem o controle do sete? Tem dextro pra fazer."

Assim sobrevivi à primeira noite de uma internação psiquiátrica.

II

- Bom dia. Adriana? - disse a enfermeira.

- Sim.

- Tem exame de urina pra você. Tá aqui um potinho. Vá ao banheiro, despreze o primeiro jato, e... - não prestei atenção. Não queria urinar naquele copo.

- Não quero fazer xixi agora.

- Mas tem que ser agora. Preciso levar ao laboratório.

- Que horas são?

- 7:32.

- Quero dormir.

E virei do outro lado. Não sei o que aconteceu depois.

Acordei dessa vez com o barulho de uma manada humana. Surgiram dentro do quarto umas 30 pessoas, todas olhando pra mim. Lembrei daqueles filmes de ficção. Questionei finalmente minha sanidade. Aquilo não podia ser real. Quanto tempo dormi?

"Adriana, 22 anos, internada há 1 dia, por intoxicação por uso de substâncias,"

Drogada, você quer dizer? Por que médico tem que falar tudo de maneira irritantemente complicada? Dro-ga-da.

"...apresentou crise convulsiva de difícil manejo."

Ah, então foi isso que aconteceu. Que bom descobrir isso na frente de 30 pessoas. 30 pessoas essas que olham pra mim como se eu fosse um alienígena. Sabe quando dá aquele silêncio e parece que só você está falando? Multiplique isso por um milhão. Eram tantas pessoas que ficava difícil descrever apenas uma delas.

"Em uso de diazepam 10mg de 8/8h,"

Ah, táí outra tal de "substância". Essa daí a turminha de branco apóia. A turminha que está no direito de discutir minha vida sem me conhecer.

"...tem comportamento hostil e atitude não colaborativa."

Pronto. Era só o que me faltava. Lá estava ela, de mão feita, sobrancelhas milimetricamente aparadas, todos os fios de cabelo no lugar. Deve ter passado a tarde anterior no cabeleireiro. E eu ali, sem escovar os dentes. É fácil colocar nossa diferença óbvia dentro daquele quarto, mas fora dele, aposto que ela deve frequentar as mesmas festas que eu. Aposto que ela fuma maconha ou dá um tirinho com os amiguinhos médicos dela, para depois vir dar lição de moral de cara lavada. Sonolenta, confusa, frágil, eu não tinha obrigação de ser agradável. Queria é falar algumas verdades sobre aquela hipocrisia toda. Mas quem sabe acabaria como a senhorinha da cama ao lado?

E por falar nela, de repente, a manada inteira se virou de costas pra mim.

"Dona Maria, 46 anos. Internada há 48 dias por transtorno psicótico a esclarecer."

48 dias. Meu Deus. 48 dias nesse inferno.

E que engraçado. Esclarecer o quê? Em 48 dias ainda não esclareceram? Havia então um destino pior que o meu. Isso é bom ou ruim?

Não ouvi mais nada. Achei melhor voltar a dormir. Mas obviamente, iria ser uma missão impossível.

- Adriana? - Era a tal da doutora Patrícia. Desta vez sozinha.

- Pois não.

- Como você está?

Tinha vontade de responder que continuava hostil. Mas estava sem paciência até mesmo para provocá-la.

- Melhor.

- Você se lembra de como chegou aqui?

"Provavelmente muito louca", pensei, rindo sozinha. Mas não havia do que rir.

- Não.
- Sua família te trouxe após você ter passado mal numa festa. Seus amigos falaram que você tomou ecstasy.
- Aham.
- Parece que não é a primeira vez que você se dá mal com drogas, não?
- Ahm...aham. – Pensei ao que ela pudesse estar se referindo. Depende de quem forneceu as informações. Se foi minha mãe, podia dizer algumas vezes. Se foram meus amigos, podia dizer algumas mais.
- Você parece estar sonolenta.
- Estou.
- Vou diminuir um pouco sua medicação. Acho que você vai se sentir melhor para conversarmos.

Pena. Estava até me acostumando com o efeito. A doutorinha continuou falando, mas eu não estava realmente ali. Estava lembrando da última vez que vim parar no hospital – uma daquelas vezes que minha mãe nem ficou sabendo. Meus amigos até filmaram meu estado e o vídeo pelos celulares. Eu estava toda vomitada e cheguei em casa com outra roupa, mas ela nem percebeu. Na verdade me dei conta que minha mãe nem percebeu muitas coisas sobre mim. Mas eu estava cansada demais para pensar. Dormir era mais fácil.

III

Quando abri os olhos, já era noite.

- O jantar está servido. Vamos, Adriana. – disse a enfermeira.
- Que horas são?
- 18:30.
- É muito cedo pra jantar.
- Não, não é.

Cheguei ao refeitório.

Três mesas compridas abrigavam todo o tipo de gente. Não sabia por onde começar; era muita informação.

- Quem é você? – me perguntou um paciente com olhar perplexo.
- Adriana. E você?
- Por quê você falou pra Cíntia que eu era culpado?

Ih. Havia começado então o tipo de situação que via nos filmes.

- Quem é Cíntia?

Ele não parecia me ouvir. Ainda bem. Acho que poderia ter respondido qualquer coisa, que não iria fazer diferença.

Peguei uma bandeja e me sentei ao lado de um senhorzinho que parecia ser um avô fofo. Não trocamos uma palavra. Agradei a ele silenciosamente por isso.

Tentava engolir um suposto purê de batatas, uma gororoba insossa. Experimentava naquele momento a famosa comida de hospital.

Ao meu lado sentou uma mulher de meia idade. Também não falou comigo, porque estava ocupada demais falando sozinha frases que não faziam sentido algum. Seria assustador se não fosse, no fundo, engraçado.

- Oi – disse um menino da minha idade. Ele parecia estranhamente “normal”.

- Olá.

- Você é nova aqui?

- Não tenho certeza, não sei que dia é hoje, mas acho que sim.

- E está aqui por quê?

Essa pergunta foi como um soco no estômago. Pareceu estranhamente indiscreta.

- Aqui não é como na prisão, que não devemos perguntar aos outros os motivos pelos quais eles estão aqui?

Ele riu. Não era um sorriso bonito. Não era nada bonito na verdade. Mas naquela situação, naquele lugar, ele era exatamente o que eu precisava: um amigo, no mínimo.

Ele engolia o purê como se fosse sua última refeição.

- Às vezes é melhor nem pensar nisso.

Ele estava vestindo o pijama branco do avesso, mas também preferi não pensar nisso. Era bom o suficiente conversar com alguém que parecia razoavelmente compreensivo.

- Na verdade eu estava numa festa tentando ficar louca. E pelo jeito consegui.

Ele riu de novo. Passei a pensar no que teria trazido ele ali e entendi sua curiosidade.

Leonardo, Léo, era o seu nome. Era do interior e estava ali havia 3 longas semanas. Me contou que ficou louco sem querer; me explicou o que era a mania bipolar. Achei o máximo. Léo tremia, e ao devolver a bandeja, percebi que ele andava de um jeito estranho. Com medo de acontecer o mesmo comigo, novamente preferi não pensar nisso.

Voltei ao meu quarto e lá estava dona Maria, roncando como um serrote.

- Adriana, tá aqui sua medicação.

Ao tomar o tal do diazepam, senti que não ia ser difícil fazer o mesmo.

Acordei com o barulho de macas sendo arrastadas para um lado e para o outro. A senhorinha da cama ao lado não estava ali, e tampouco sua cama.

Fui ao corredor para checar, ainda sonolenta, com receio de que meu quarto receberia uma nova surpresa.

Lá estava dona Maria, com a face avermelhada, desacordada. Assustada, comecei a chacoalhá-la. E então um enfermeiro veio falar comigo.

- Pára, Adriana. Daqui a pouco ela acorda da anestesia.

- Que anestesia?

- Do ECT.

Olhei para o lado: ela não era a única. No fundo do corredor, o cara que me perguntou de Cíntia, em sua maca, estava sendo levado para uma sala. Fiquei assustada.

- Que ECT?

O enfermeiro não me respondeu. Parecia sobrecarregado de tarefas e saiu andando.

- Bom dia.

Era Léo. Graças a Deus.

- O que está acontecendo?

- Como assim?

- Como assim o quê? O que raios é isso?

- Ah – olhou pra mim como se fosse óbvio. – É dia de ECT.

- O que é ECT?

- É o eletrochoque.

Perdi a força nas pernas. Eu achava que já tinha tido surpresas o suficiente ali. Tive vontade de chorar.

- Não, não é o que você está pensando. Minha mãe fez. É bom. Ela melhorou.

Comecei de fato a chorar. Aquilo não podia estar acontecendo. Tinha a impressão de que Léo era alguém que podia conversar, mas me vi sozinha de novo.

- Sua mãe tomou choque e você não fez nada?

- Calma, Adriana. Eles fazem isso sério. É quando a pessoa não melhora com remédio.

Eu não havia melhorado com remédio, na opinião da doutora patricinha. Eu era hostil e não colaborativa, segundo ela.

Meu choro chamou a atenção da enfermagem.

- O que está acontecendo aqui?

- Ela não sabia o que era ECT - disse Léo. A enfermeira então sorriu e saiu andando. Poucas vezes senti tanto ódio na vida.

- Eu quero ir embora.

Fui ao meu quarto e comecei a arrumar minhas coisas: uma escova de dentes, um pente; meu xampu havia sumido. Tinha um chocolate esquecido em cima do armário. Será que esse chocolate era de alguém anteriormente na minha cama que tinha feito ECT? Não peguei.

- Calma, Adriana.

- Não é calma, Léo, não é calma! Eu estou aqui porque tomei um ecstasy na balada e de repente me jogaram num manicômio. Não sou louca, não estou aqui pra tomar choque na cabeça, não estou aqui pra ficar no meio desses malucos!

- Cala a boca. – e saiu andando.

Fui até a porta. Apareceu um segurança.

- Aonde a senhora vai?

- Embora.

- Você não pode ir embora.

- Como assim?

- Você não pode ir embora.

- Não estou presa.

- Aí você vê com sua médica.

Respirei fundo. Cogitei ataca-lo, com toda a minha força de 1,62m e 50kg. Não ia dar certo.

Ao invés disso, sentei no chão, e voltei a chorar.

- Pára com isso, vamos pro seu quarto – disse a enfermeira, me levantando, e me levou ao quarto passando o braço por cima de meus ombros. Finalmente alguém me acolhia ali; senti, com isso, que era mais uma paciente, e não uma metidinha arrogante que usou drogas numa festa. Mas eu não queria ser uma paciente. Não daquele lugar.

Saí correndo de novo, em direção à porta. Gritava:

- Vocês não podem me prender aqui! Preciso ir embora!

O segurança me levantou como se eu fosse uma folha de papel. Pateticamente, tentava dar socos em seu tórax.

- Me solta! Preciso falar com minha família!

Vi doutora Patrícia do outro lado do corredor, olhando com desdém minha luta. Encarei-a e tentava dizer com meus olhos o que meu corpo não conseguia.

Senti alguém descendo minha calça; antes que pudesse reagir, mas depois de milhões de coisas terem passado na minha cabeça, senti uma agulha. Estavam me sedando.

Lembrei novamente dos filmes. Não acreditava estar sendo protagonista de um.

Grogue, senti 4 pessoas amarrando meus membros. A enfermeira boazinha passava uma fita pelo meu pé direito. Tentava gritar, mas a voz não saía.

- Não, não, não – era o que eu conseguia dizer.

Quando acordei, já era noite.

- Vamos, Adriana. O jantar está sendo servido.

- Que horas são?

- 18h30.

V

Léo estava jantando acompanhado de uma senhora de meia idade que usava um vestido amarelo por cima do pijama e batom vermelho, e um homem alto, forte, tatuado, sem muitos dentes na boca. Ao observá-los em harmonia, senti todo o remorso de ter falado verdades cruéis ao Léo.

- Posso me sentar aqui? – perguntei timidamente.

- Olha só quem acordou, a pobre menina injustiçada.

- Não vim aqui ouvir seu julgamento – me irritei, até por quê estava sonolenta demais para lidar com a situação. – Vim porque estou me sentindo mal de ter falado aquelas coisas pra você.

- Isso é um pedido de desculpas?

- Não. Er. Acho que sim.

- Aceito. Senta aí e come. Hoje tem strogonoff.

Peguei a bandeja e constatei um caldo laranja com pedaços de carne boiando. Conseguia ver as nervuras. Me inundei de uma alegria tímida ao me deparar com batata palha. Pelo menos uma coisa boa aconteceria aquele dia.

Ao contrário de mim, Léo e os outros pacientes comiam furiosamente, discutindo a novela das 8 que começaria em breve. Não conseguia ter essa leveza de espírito.

- Quem é você? – me perguntou bruscamente a senhora de amarelo.

- Adriana.

- O nome da minha filha! Linda! – e pegou na minha mão.

- Qual é o seu nome?

- Regina, filha, minha Drica. Dricali, Dricalinha, esbeltinha, cocotinha.

Léo riu. O homem forte, não.

- Quantos anos tem sua filha?

- 33. Idade de Jesus! Jesus é o senhor, Deus é mais, Cristo reina.

- Aham.

Percebi que esboçava o primeiro sorriso do dia. Léo me sorria de volta.

Olhei para o homem, que me olhava de volta.

- E você?

- Que tem eu?

- Qual é o seu nome?

- Walter.

- Ah, prazer Walter.

Ele não respondeu. Voltou a comer o caldo salgado.

- Parece que sua mãe apareceu aí hoje, Adriana. Mas você estava dormindo.

Larguei o garfo.

Um filme passou pela minha cabeça: eu na Disney com a minha mãe e o Diogo, meu irmão mais novo. Minha formatura do colégio, minha aprovação no vestibular. E eu lá sedada naquele manicômio após tentar sair correndo. Minha mãe tinha seus defeitos, mas certamente eles não justificavam o que provavelmente passou pela sua cabeça ao me ver naquele estado. Torcia para ela estar tão anestesiada quanto eu.

- Hum. Quem sabe ela virá amanhã. - me limitei a responder.

Levantei da mesa e saí antes que minhas lágrimas rolassem por meu rosto. Rosto esse que eu não via no espelho desde que chegara ali.

Respirei fundo e cheguei ao meu quarto. Lá estava dona Maria, parada, olhando para a janela e suas grades.

- Olá. Sou a Adriana.

Dona Maria não respondeu.

- Como a sra. está? - tentei novamente, sem sucesso.

Fiquei magoada. E comecei a chorar.

Olhei para a janela tentando entender o que ela tanto olhava. Também não obtive sucesso.

- Adriana? - era Léo na porta. - Você está bem?

- Sim. - menti.

- Percebe-se.

Ri timidamente.

- Não posso entrar num quarto feminino. Quer conversar no corredor?

Sentamos nas poltronas, perto de outros pacientes que também conversavam.

- Minha mãe é bipolar como eu. - falou sem que eu perguntasse. - Já tinha vindo aqui visitá-la algumas vezes. Conheço este lugar desde pequeno.

- Que horror. - deixei escapular e prontamente me arrependi.

- O primeiro surto dela foi quando eu nasci.

Não sabia o que responder então fiquei quieta. Permanecemos em silêncio por um tempo. Ele estava sendo legal de dividir isso comigo, mas eu não queria dividir nada.

- Você sabe como faço pra telefonar pra casa?

- Os telefonemas só são liberados no quinto dia de internação.

- Eu queria ligar pro meu irmão.

Diogo falaria poucas e boas para mim, mas era a única pessoa com quem queria conversar.

Não posso dizer que não nos damos bem, mas tenho uma constante sensação de que poderíamos ser parceiros e não somos. Quem sabe faltava uma oportunidade, que poderia estar sendo desenvolvida naquele momento.

Meu irmão não tinha nada a ver comigo. Era sério, responsável, o orgulho da família. Andava com outros caretinhas igualmente brilhantes, e achava desprezível meu glamour decadente.

Odiava meus amigos, dizia que eu parecia uma piriguete toda vez que saía de casa, me provocava nos almoços de família, mas eu tenho certeza que no fundo ele gostaria de se libertar e ser mais como eu.

- Seu irmão é bonito?

- Er, acho que sim, por quê?

- Está solteiro?

De repente tudo ficou claro: estava aí a razão de Léo ter aquela sensibilidade toda. Ele era gay. Me senti uma boba por não ter percebido e detestava admitir que não gostei.

- Provavelmente. Tenho certeza que ele é virgem.

Léo riu.

- Tem foto?

- Pára, Léo. Você quer pegar o meu irmão?

E rimos.

- Você tem cara de ser rica. Preciso de um cara bonito e rico.

Tudo estava mais leve, então.

- Vem aqui comigo. Vamos fumar um cigarro.

- Aonde?

- Você ainda não foi no fumódromo?

- Fumódromo?!

- Qual o espanto?

- Estamos num hospital!

Léo então gargalhou sem parar.

- Querida, aqui é a psiquiatria.

Me ofereceu um cigarro.

- Toma.

- Não quero. Não fumo.

- Ah logo você, a drogadinha da enfermaria. Pare com isso.

Aceitei o cigarro. Tinha um gosto menos pior quando eu estava bêbada, mas estava mais amargo por ter que engolir o "drogadinha da enfermaria". Mas tudo bem. O fato de Léo ter aberto o jogo pra mim nos tornou imediatamente íntimos. Mas a alegria durou pouco.

- É minha última noite aqui, Dri. Terei alta amanhã de manhã.

Meu mundo, naquele momento, era ali. Aquele corredor branco, com aqueles dez quartos horrorosos, aquelas 19 pessoas malucas, aqueles ventiladores barulhentos.

E naquele momento meu mundo caiu.

Frágil como cristal, comecei a chorar de novo.

- Vamos trocar telefones. Saindo daqui a gente toma um café. Quem sabe você me apresenta seu irmão?

Rimos. Mas eu estava me sentindo terrivelmente mal, até porquê, tinha que admitir que o problema exato não era Léo ir embora e sim eu conseguir achar outro amigo aqui. Era cruel, mas era isso.

O tempo naquele lugar corria diferente. Minhas poucas horas ali com Léo pareciam uma eternidade e ele parecia ser o melhor amigo que já tive. E, pensando melhor, talvez tivesse sido sim. Não era uma pessoa que tinha muita consideração pelos outros, mas talvez por ele.

VI

- Bom dia Adriana. - era a doutora Patrícia.

- Bom dia.

- Está melhor hoje?

- Melhor do quê, exatamente?

- Ontem você estava agitada...

Ontem. Ontem foi há uma década.

- Não, não era isso. Fiquei assustada com o eletrochoque e queria ir embora. Aí descobri que estou presa aqui e você é a única pessoa que pode me liberar.

- Ah, foi isso então. Não precisa se assustar. É um procedimento seguro e efetivo, você vai ver como os pacientes de fato melhoram com o passar dos dias.

Ela ignorou minha indireta sobre ser a única pessoa que pode me tirar da prisão. Era muito injusto eu ter sido amarrada por ter ficado com medo. Mas estava estafada demais para discutir com ela, até porque aquele jaleco lhe dava toda a razão do mundo.

- É, fiquei sabendo. Mas eu não quero fazer.

Patrícia riu.

- Não, fique tranquila.

Continuou:

- Não conseguimos conversar direito até agora, não é? E então...o que você acha do seu uso de drogas, Adriana?

- Eu convulsionei mesmo?

- Sim.

E então ouvi a história pela primeira vez; estranho eu não ter me importado com o motivo da internação antes. Acho que era efeito do remédio.

- Você foi trazida no começo da manhã de domingo, após ter convulsionado na Stardust. Seus amigos chamaram a ambulância e ligaram pra sua mãe. Falaram que você tinha misturado bebida, ecstasy e lança perfume. Não sabiam sobre quantidades.

Stardust era a casa noturna da moda na época. Custava absurdos pra entrar se você não tivesse o nome na lista, cuidadosamente elaborada a dedo. Com isso, a festa acabava sendo entre conhecidos. Eu não tinha dificuldade nenhuma para entrar; bonita e bem relacionada, não gastava dinheiro com bebida, mas era motivo para outros gastarem e eu beber. As drogas tinham o mesmo ciclo.

Levava a vida desse jeito: passava fácil por onde queria, sem danos palpáveis. A festa era uma metáfora da minha vida.

Eu era aquela que faltava nas aulas, mas os amigos assinavam a lista; não estudava, mas colava e passava; não tratava bem as pessoas, mas era popular; usava drogas, e fingia que ninguém sabia. E as pessoas fingiam não saber. No fundo eu não me responsabilizava por nada. Talvez por isso não tivesse alguma satisfação por qualquer coisa. Homens, compras, dinheiro, glamour. Nada.

Patrícia olhava para mim, esperando que eu dissesse alguma coisa. Me dei conta que minha maior preocupação naquele momento era minha reputação na Stardust.

- Do que você lembra, Adriana?

- De nada. Lembro de eu estar muito louca, apenas. Bêbada e do ecstasy.

- Você tem usado com frequência?

- Toda semana.

- Há quanto tempo?

- Uns dois anos.

Ela me olhou com um espanto inesperado para uma psiquiatra. Pra mim, era apenas uma curtidão dos meus 20 e poucos anos, uma fase.

- Já tentou parar alguma vez?

- Não. Por que tentaria? Quando eu quiser eu paro. Quando não quero não tomo.

Pensei no último final de semana que não tinha usado nada: o Natal. Mas pensando melhor, tomei vinho na ceia.

- Quais drogas mais você já usou?

- Todas.

- Usa mais alguma regularmente?

- Maconha não conta né?

- Claro que conta.

- Tá, então, maconha. Umas 3 vezes por semana.

- Sua mãe disse que você só tinha convulsionado quando era pequena, tomou remédio por um tempo e depois não precisou mais. Teve mais algum episódio que ela não saiba?

Eu mesma não sabia. Acordei muitas vezes sem me lembrar de nada. Já tive que olhar fotos em porta retratos para tentar descobrir aonde eu estava.

Estava surpresa com a menção a minha mãe. Não imaginava essa comunicação paralela entre elas.

- Acho que não.

- Você costuma usar drogas com quem, Adriana?

Parei pra pensar no Mauro. O que ele pensaria de eu estar lá?

Mauro era um homem. E eu uma menina.

Mauro tinha 34 anos. Casado e entediado, no fundo parecia entender minha indiferença quanto à vida, quanto às pessoas. Foi com ele que cheirei cocaína a primeira vez, e foi a melhor das vezes. Foi como se eu tivesse descoberto que havia uma realidade muito melhor que a minha, que havia muitas cores e sabores para se experimentar, que eu ainda não havia sentido as melhores sensações que a vida poderia oferecer. Transamos deliciosamente aquela noite e por algumas horas nada mais existia.

Ele entendia minha indiferença, mas não entenderia mais diante minha face limpa da maquiagem, meu corpo envolto a um pijama desbotado de hospital, meus hematomas da contenção.

Meu coração disparou. Me dei conta de que estava completamente sozinha. Ninguém iria

entender. Eu era sim, a drogadinha que Léo havia dito, e eu tinha a sensação de que o mundo me respondia que eu merecia estar lá.

- Adriana?

Tinha até esquecido da doutora Patricinha. Até estava tendo alguma simpatia por ela naquele dia.

- Com amigos.

Patrícia me fez mais diversas perguntas. Respondê-las era cansativo e sentia que a entrevista durava uma eternidade, mas ela era a melhor pessoa no mundo para se conversar naquele momento.

- Você entende que sua vida precisa mudar daqui para frente?

Detestava admitir, mas olhando a minha volta, tive que me convencer que sim.

VII

O quinto dia da minha internação foi um dia muito chuvoso.

Dona Maria continuava imóvel na cama. No fundo preferia ela desse jeito do que gemendo como nos primeiros dias, mas toda vez que olhava pra ela, gostaria que ela falasse. Quem sabe teria alta mais cedo se fizesse ela falar?

- Que tempo bom para ficar na cama, né dona Maria?

Não obtive resposta. Confesso que era engraçado me observar tentando puxar assunto e ser simpática. Eu sabia o quanto eu era destestável.

E era por isso que estava com receio de começar a terapia de grupo naquele dia.

- Bom dia. Meu nome é Débora e eu coordeno o grupo de psicoterapia desta enfermaria. Hoje vamos dar boas vindas a Adriana.

Ninguém respondeu. Fiquei surpresa, porque achei que ia ouvir imediatamente o clichê “Oi, Adriana”.

O silêncio se instalou.

Uma senhora de meia idade, então – Christina era o nome dela – começou a falar. O marido a tratava com desdém, uma das filhas era casada com um traste, a outra não sabia criar a filha, que iria repetir de ano na escola.

- A menina está gorda como um bujão, e a mãe não sabe nem fazer uma sopa. O pai sabe-se lá aonde está. Quanto desgosto.

Walter, o paciente das tatuagens, dormia, bem como dois outros pacientes. Um outro olhava para o chão enquanto mexia os pés com inquietude. Regina, que havia me “adotado” por ter o mesmo nome que sua filha, era a única que ouvia Christina com atenção, e sorria.

- Obrigada por dividir, Christina. O que você acha de sua situação, Adriana?

- Eu?

- Sim.

Estava com medo de dizer alguma besteira.

- É para eu falar o que eu acho?

- Sim.

- Eu acho que é bom que ela está aqui, pra não precisar ver essas coisas em casa.

No instante em que falei, Débora me olhou com reprovação.

Infelizmente eu conseguia identificar um pouco de mim naquela senhora. A insatisfação constante era a semelhança; seus resmungos eram sua maneira de ser destestável.

Christina continuou:

- Eu não sei o que fiz para merecer isso.

- Será que não sabe mesmo? – respondeu um outro paciente, que nunca tinha visto, de maneira irônica. Christina pareceu não entender e continuou reclamando.

A cada minuto que passava percebia que aquilo não era pra mim; aqueles 60 minutos passaram como se fossem horas.

Do meu lado estava sentada uma menina de cabelo vermelho, que eu também nunca tinha visto. Olhava para o chão, enrolava o cabelo, puxava os fios da costura do pijama. Nossos olhares se encontraram, e ela começou a rir.

- Tá perdida, né?

Sorri, timidamente. Estava.

- É sempre a mesma coisa. Essa velha gorda só reclama, o outro ali dá umas indiretas rudes, metade dorme, mas às vezes você pensa numas coisas úteis. Estou aqui porque é melhor do que ficar ali no meio daqueles chupetas que não podem participar.

Renata era seu nome. Tinha 22 anos e tentado suicídio cortando os pulsos com uma tesoura havia 10 dias; tinha várias marcas de cortes, e uma tatuagem muito grande no peito escrito “Sorrow”. Ela era barra pesada. Passava boa parte do dia no quarto, desenhando sozinha, e fumando um cigarro atrás do outro. Fingia que engolia os remédios, mas quem tomava era a privada. As enfermeiras pareciam perceber mas fingir que não.

- Quer dizer que você rodou com ecstasy?

- Sim, de certo modo, porque eu tomei dois e convulsionei.

- Que burra.

Primeiramente me ofendi, mas depois comecei a rir compulsivamente. Se eu era indiferente ao mundo a minha volta, Renata era mil vezes mais. Ela não estava doente; tinha uma relação

doente como o mundo. Bem como eu. Eu e minha necessidade de uma felicidade química, eu e minha necessidade de uma realidade ficcional.

Mas eu era fichinha perto da Renata. Ela namorava um traficante, já tinha feito dois abortos, tentado suicídio várias vezes. E na verdade não parecia em um milhão de anos que ela tinha tentado tão recentemente; ela parecia estar ao seu natural, ao seu funcionamento. Tirava da vida aquilo que queria, e por isso a considerava muito mais liberta que eu.

Ela era cansativa; não conseguia passar muito tempo com ela, e agradecia sua necessidade de ficar em seu quarto. Mas ela me fazia chegar à conclusão de que eu não tinha coisa nenhuma a liberdade que tanto valorizava e que justificava até então tudo que fazia de errado; livre era ela, com seu desprendimento, com sua atitude. Eu não tinha vontade de ser como ela, entretanto, e considerava esse fato como saúde mental. Seria terrível se eu quisesse.

Seus desenhos eram interessantes; abstratos, mostravam coisas que ela via no dia-a-dia, que iam de crimes a bailes funk. Ao contrário de mim, sua vida não tinha glamour algum.

O que havia motivado sua última tentativa de suicídio foi uma briga com o namorado; ele estava sob efeito de crack e bateu nela. Foi para a casa de sua mãe, que a visitava com frequência, ao contrário da minha.

E foi nesse dia que recebi a visita de Diogo.

Abracei-o forte como nunca. Ele ficou muito impressionado com a enfermaria e percebi que ele estava querendo sair dali o mais rápido possível.

- Está vendo no que deu sua vida desregrada, Adriana?

O sermão havia começado.

- A mamãe veio aqui um dia e você estava amarrada. Desistiu de vir de novo. Perguntou aos médicos se não havia uma ala com pacientes menos graves e recebeu “nãos” atravessados.

Disse que sua médica é uma criança de jaleco, que provavelmente não sabe o que está fazendo, mas é melhor que você reflita sobre tudo que estava fazendo.

Chorava, como se implorasse pra ele parar, sem sucesso.

Parei de prestar atenção na sua bronca para observar o marido de dona Maria. Ele conversava com ela esperando uma resposta que não vinha; segurava sua mão e parecia que não iria nunca desistir. Aquilo me deprimia ainda mais.

- E você, Diogo?

- Eu o quê?

- O que você acha de eu estar aqui?

- Você se importa?

É. Fazia tempo que eu não me importava com ele. Acho que a última vez que perguntei como ele estava foi na ocasião da separação de nossos pais. De qualquer maneira, sua percepção da minha omissão me fez pensar em tudo isso.

Ele não respondeu.

- Adriana, veja se colabora logo com sua médica. Olha em que situação deplorável você está. Vi um cara mijando no corredor quando entrei. Você precisa mudar essa vidinha adolescente. Não podia suportar o fato de estar levando bronca do meu irmão mais novo, mas realmente, eu não estava na posição de responder qualquer coisa. Finalmente reconhecia que estava errada, e que embora eu soubesse que, no fundo, odiava a minha mãe, ela não merecia isso.

- A partir de hoje você pode usar o celular, mas eu não trouxe.

Senti vontade de espancá-lo. Com certeza ele tinha seus motivos, mas não era justo. Eu deveria ter a liberdade de escolha.

Observei Renata e sua mãe. Renata olhava para o chão, e parecia, bem como eu, reconhecer seus erros. Mas pelo pouco que conhecia dela, era uma atitude artificial. Mas a minha não.

- O Bruno tem ligado pra mim pra saber como você está.

Bruno era meu namoradinho de convenção. Quando precisava de companhia, ligava para ele. Ele ia comigo a festas de família, para que todos ficassem felizes por eu estar namorando. Me acompanhava em casamentos, supria minhas necessidades quando Mauro não estava disponível, me deu presente no último dia dos namorados. Ele era apaixonado por mim. Eu achava ele um panaca.

- O que você responde?

- Que você está bem. É o que ele precisa ouvir, não é mesmo?

- Sim.

- Ele queria vir te visitar. Disse que era proibido para quem não era da família.

- Obrigada por isso.

Graças a Deus, porque receber Bruno ali era só o que faltava. Além do mais, ia ter vergonha de apresenta-lo para Renata.

Tive alguns momentos bons com ele, entretanto. Ele era um cavalheiro e causava inveja nas minhas amigas, a maior parte do tempo reclamando de não terem namorado. Era bom para o ego ter alguém a seus pés.

- Bom, vou indo nessa. Tome seus remédios, saia logo daqui. Você provavelmente vai precisar trancar a faculdade e eu vou te arranjar um emprego.

Não queria Diogo atuando como meu pai, mas ele estranhamente mostrava uma maturidade admirável. Tive orgulho dele.

Aqueles cinco dias estavam gerando uma mudança no meu comportamento. Me senti tão frágil, como se minha personalidade fosse facilmente moldável daquela maneira, mas levava em consideração a intensidade da experiência de estar ali.

Eram 18h30. Hora de jantar. Era bom ter uma rotina.

Sentei do lado da dona Regina, que me abraçou.

- Driquinha, linda.

Era bom ter uma mãe de verdade lá dentro.

VIII

- Bom dia Adriana.

- Bom dia doutora.

- Você está com uma expressão tão melhor no rosto. Dormiu bem?

- Sim. E ontem meu irmão veio me visitar.

- Que ótimo. Sobre o que vocês conversaram?

- Ele acha que eu devo começar a trabalhar.

- E o que você acha disso?

Dei de ombros. Tinha mais confiança na doutora patricinha, mas não a ponto de dividir minha detestável admissão de que ele estava certo. Não respondi.

- Como foi a terapia de grupo?

- Boa. – Se eu dissesse a verdade, seria pior.

- Acho que o momento da sua alta está próximo.

Meu coração disparou.

De repente me imaginei careta na Stardust, recusando uma carreirinha com o Mauro, de mãos dadas com o Bruno, trabalhando com o Diogo, e não era tão ruim assim. Não era possível que seis dias naquele recinto horroroso me fizessem ter essa visão, mas isso estava acontecendo.

Não disse nada. Estranhava a falta da ansiedade para ir embora, mas como ansiar por um futuro tão monótono?

IX

Naquela noite, tive um pesadelo horrível.

Estava num prédio cheio de quartos. Era escuro, com um som ambiente de filme de terror.

Várias pessoas andavam a esmo, com faces ocultas. Pareciam todas iguais. Eu era uma delas, e parecíamos seguir algumas pessoas específicas. Ninguém falava nada; tudo que era possível

ouvir era a música macabra. Pensei em seu significado e no quanto estava preocupada em me tornar mais uma ovelha daquele rebanho.

Renata lixava as unhas, sem se importar por estar no caminho de transição das macas do ECT. Eu estava com uma certa vergonha dela, renunciando à vida que nos havia aproximado.

- Você está diferente – ela dizia – eu precisava estar assim, para sair logo desse lixo de hospital.

Então ela estava com inveja de mim. E eu preocupada com seu julgamento.

Naquele dia o tempo passou muito devagar. Reli a revista que Diogo havia me levado. Olhava as propagandas e criava histórias por trás delas.

E então, como num raio, doutora Patrícia apareceu.

- E aí, Adriana. Como você está hoje?

- Bem. Entediada. Não sei se estou com medo de ir embora, mas estou começando a ficar enjoada daqui.

- E se eu te der alta hoje?

Arregalei os olhos e meu coração disparou de novo.

Saí correndo para meu quarto, e animadamente comecei a fazer as malas. Me deparei com meu pijama limpo, o que colocaria naquele dia. Sorri e deixei-o de lado. Considerei leva-lo para casa como um lembrete de meu tempo no hospital, mas diante da perspectiva de uma nova vida, joguei-o no chão.

Neste momento vi dona Maria sorrindo para mim.

- Vai embora?

Fiquei assombrada. Ainda vermelha do ECT, ela havia começado a falar.

- Sim – respondi escondendo minha surpresa.

- Que bom. Pena que não vou poder mais, então, olhar para você. Você é tão bonita.

Suas palavras e sua melhora invadiram meu coração. O quarto pareceu mais colorido e um otimismo intenso tomou conta de meus pensamentos. Eu não podia mais me reconhecer: de repente estava mais próxima de Diogo e Bruno, e não era tão ruim assim.

Me limitei a sorrir. Não sabia como responder. Queria dizer que estava feliz por ela, mas era difícil expressar meu sentimento.

- Que horas minha mãe vem? – perguntei à enfermeira.

- Antes do jantar.

- Ótimo.

Às 16h em ponto, minha mãe adentrou a porta grossa. Parecia pisar na ponta dos pés, com nojo do que encontrara. Entretanto nunca fiquei tão feliz por vê-la.

- Oi mãe!

- Filha. Como você está magra.

Ia ser difícil, mas eu ia dar um jeito de ignorar suas críticas.

Saí da enfermagem com um novo jeito de pensar.

A felicidade era química, mas as conclusões não. Um novo momento começava para mim.

- Tchau, Renata. – disse com orgulho.

- Vai ser feliz, Adriana. Vai embora.